

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistador: Laura Alves

Entrevistados: Mariah Tereza

São Paulo, 15 de junho de 2024

Duração: 1 hora e 07 minutos

Plataforma de realização: Casa da Mariah Tereza

Memórias da Kiki: entrevista com Mariah Tereza

Mariah Tereza: Meu nome é Maria Tereza... Nasci aos 28 de janeiro de 1946, na cidade de Igaratá, ah... Igaratá com marca de Santa Isabel na época, São Paulo... sou a vovó da Laura, da Bia [risadas] e de mais cinco netos. Sou uma vovó muito feliz... estou vivendo um momento de realização. Estou muito feliz.

É tive uma infância, uma infância muito feliz com meus irmãos, meus vizinhos, né? A gente era uma... morei numa fazenda onde todo mundo era amigos, né? Cada criança que nascia, meu avô, minha avó, meu pai, minha mãe batizavam. Quando casava alguém eles também eram padrinhos, então a gente era uma irmandade, né? Tinha festas nos fins de semana, né? ... em alguma época tinha... fazia um mutirão, né e no final do mutirão pra... pra... pra arrumar coisa na fazenda, né? tinha bailes onde todo mundo dançava, crianças e velhos, né? mocinhos... e a gente brincava.

Quando dava sono dormia tudo junto [riso] e era muito divertido, eu tive uma infância muito boa com meus irmãos e meus amigos. Ah... tínhamos festa de... nós também crianças eram os compadre e comadre. Tinha batizado das boneca. Tinha meu compadre... meu compadre Nelson, meu compadre Geraldo, minha comadre Glorinha. Todo mundo era compadre e comadre, irmão sim, era assim, era muito legal.

Laura Alves: Que legal vó!

Mariah Tereza: É, passei um bom tempo. Aí quando... minha avó era professora, né? e ela tinha uma escola na fazenda, onde adultos, crianças, todo mundo que precisava aprender a ler, escrever, a fazer continha essas coisas, era minha avó, né? Dava aula pra todos, o dia inteiro, pra períodos, pra pessoas diferentes de idades diferentes. E minha mãe cuidava da casa, das roupas, das coisas pra minha vó, né? Minha vó era professora. E... também nessa fazenda minha vó rezava a missa! Tinha uns... uma festa no dia 25 de março que ela e minha mãe faziam um monte de cruzinhas de bambu. Cada pessoa na

procissão andava com uma vela rezando com aquela cruzinha do dia 25 de março, e era uma festa muito grande. Aí no final... ah tinha muita comida muito doce, as mulheres faziam esses panelões de doce de abóbora, doce de mamão, né?... ah churrasco, tudo isso tinha e era muito divertido, né?

Assim foi a minha infância.

E eu era uma criança diferente porque eu gostava de escrever diferente, eu inventava maneiras de escrever. Até hoje, né? eu tenho ortografia própria. A minha ortografia mudou, não era bem essa que eu tenho hoje, né? foi aperfeiçoando até ficar bonita do jeito que tá, né/

Laura Alves: O alfabeto que a senhora tem, a senhora criou já quando era pequenininha assim começou a desenvolver...

Mariah Tereza: Eu fiquei muito apaixonada na... no dia do... era... era uma festa escolar e os professores fizeram aqueles painéis com letras góticas. Eu fiquei encantada com as letras góticas aí comecei a inventar minha. Não era igual, era do meu jeito... do meu jeito. Mas antes eu já fazia meus rabiscos, quando eu entrei na escola já fazia umas coisas que eu dizia que era escrita. E até hoje eu tenho geografia própria... meu avô também escrevia diferente, mas ele ensinava de um jeito, minha vó ensinava do outro, aí não sei direito que que deu né, acho que deu nisso também.

Agora falando dos meus avós, dos meus pais, coisa assim, né? minha avó era professora... o meu vô João que era esposo da minha avó Maria... Maria, Maria Tereza minha avó, de batismo, nome de batismo dela, e eu sou a terceira Maria Tereza da família.

A minha avó Maria Teresa... ela era filha do senhor engenho com a filha da negra escrava, mas ela nasceu em 1880, em janeiro de 1888. Ela não nasceu escrava e aí ela casou cedo, não sei mais ou menos com quantos anos ela casou, mas ela... casou com meu vô João que era bem mais velho que ela.

Harllei Alves: Por acaso alguém um dia falou o nome desse senhor de engenho?

Mariah Tereza: Não sei, não sei que uma coisa tão... de 1800, né?... de 1800, né? não sei mesmo.

Harllei Alves: filha da senhora de um engenho?

Mariah Tereza: É, filha do senhor engenho. Por isso ela teve o privilégio de estudar, deixou ela estudar ah... e na fazenda ela era muito ativa, né? Ela... quando ela aprendeu a ler... ela ensinava as meninas amigas dela da fazenda. Ela não tinha luz elétrica aquele tempo. Ela pegava um monte de vagalume, aqueles vagalumes grandes assim, dentro de uma garrafa branca... garrafa de vidro branca e brincava embaixo da da da cama, das camas com as meninas, os vagalumes e ensinava elas a escrever... ler e escrever. Com o tempo, as meninas todas sabiam ler e quando os pais descobriram eles tinham muita, muita raiva da minha avó. Minha vó cresceu sendo odiada pelos... pelos homens da fazenda, porque ela era filha do fulano e ela era, ela sabia ler e ela ensinava as meninas

Harlei Alves: E aí não podiam mexer com ela.

Mariah Tereza: Não podiam mexer com ela.

Harlei Alves: Mas aí ela tava ensinando as outras meninas e era errado ensinar a mulher naquela época.

Mariah Tereza: Era. Era errado ensinar as outras meninas. Por isso que os pais não gostavam disso.

Harlei Alves: Os próprios pais das crianças eram contra as meninas aprenderem?

Mariah Tereza: Naquele tempo, até os homens eram analfabetos, né? Pouco sabiam ler, acho. Imagina a mulher aprender a ler.

Munique Alves: Mas ela já tinha consciência do quanto era importante a leitura.

Mariah Tereza: É. Ela era muito esperta, ela fazia tudo. Ela era modelista, ela era estilista, ela rezava missa. ah...

Harlei Alves: Se a gente fosse contextualizar, isso foi por volta de 1900, então?

Mariah Tereza: É 1900. Eu nasci em 46, minha avó nasceu em 1888, né? Meu pai nasceu em 1916... minha mãe em 1918. Aí falei da família do meu pai, né? Minha avó... meu avô que fazia sapatos, que cuidava da plantação, cuidava dos bichos, né? também. E... Já do outro lado, os pais da minha mãe, meu avô Filomeno Gouveia Guimarães, ele... foi um soldado da guerra do Brasil-Paraguai, onde ga- venceu a guerra, né? e o governo deu uma fazenda pra ele. Fazenda da Bocaina, na cidade de Silveiras.

E lá ele criou os filhos dele, família dele. Casou acho que três vezes o meu avô. Casou três vezes acho.

Acho que na terra dele, quando o governo trouxe ele pra guerrear pelo Brasil, ele já deixou família. Ele dizia que nasceu, segundo minha mãe, né? nasceu na cidade de... A Bélgica de Tarumirim. Eu não consigo achar essa cidade. Não consigo achar, não.

Harllei Alves: E esse Bélgica de Turumirim é o que, na África?

Mariah Tereza: Deve ser. Não consegui achar.

Harllei Alves: Não é Bélgica, o país Bélgica. É um lugar que se chama Bélgica de Tarumirim lá no continente africano

Mariah Tereza: É, é.

Harllei Alves: Ele veio do congo-belga?

Mariah Tereza: Congo-belga.

Harllei Alves: Congo-belga.

Mariah Tereza: Congo-belga. E aí casou com a espo- casou... com minha, minha... a mãe da minha mãe era a segunda esposa, já. Segunda ou terceira, não sei. E acho que quatro vezes ele casou. Porque ele tinha deixado a família na terra dele. Minha mãe dizia que ele era... que ele falava sete idiomas, minha mãe dizia. Isso era uma coisa que os padres falavam, né? Todo padre naquele tempo falava sete idiomas, e meu avô também falava, minha mãe dizia.

E também ele era farmacêutico, ah... Depois que venceu a guerra, que ele foi pra cidade Silveira, que ele formou família lá, tudo, né? Eles plantavam cana, café... coisas que eles plantavam lá, né? E minha mãe era queridinha dele, né? Quando ele morreu, minha mãe tinha 21 anos.

Segundo minha mãe, ele tinha uma coluna no Jornal do Brasil. Ele falava acho que sobre... acho que sobre remédios acho, que ele era farmacêutico também, né? E era raizeiro também. Ele entendia de plantas, né? Muitas plantas. Quando as pessoas eram desenganadas do médico, iam na fazenda dele, pedir ajuda pra ele, perguntar pra ele que chá, que remédio eles podiam tomar. Aí ele entrava na mata, cheirava as plantas,

arrancava a raizinha, cheirava e descobria o que era bom pra aquela doença. E ele curava as pessoas, as pessoas saravam.

Laura Alves: Nossa vó...

Mariah Tereza: Pessoas desenganadas do médico, saravam. Isso minha mãe contava, né?

Laura Alves: E essa habilidade dele, foi pa- que a senhora também, a senhora entende bastante de ervas, tudo mais...

Mariah Tereza: É, isso tá no sangue, né? Minha mãe também entendia muito de plantas, de ervaria. Eu também gosto muito, né? De fitoterapia, né? Gosto muito. Gosto de plantar, gosto de tomar chá. Tanto que estou com quase 80 anos e não tomo remédio. [riso]

Laura Alves: A senhora tá!

Mariah Tereza: Eu sou uma menina de 78 anos.

[risos]

Harllei Alves: Ô mãe, sobre o vô, com quantos anos ele faleceu?

Mariah Tereza: Hã?

Harllei Alves: A senhora tem ideia de com quantos anos ele faleceu? Novo, velho...

Mariah Tereza: Quem?

Harllei Alves: O vô? O Filomeno?

Mariah Tereza: O vô Filomeno morreu com 96 anos.

Harllei Alves: 96 anos? Caramba!

Munique Alves: Caramba!

Laura Alves: Nossa!

Mariah Tereza: É, 96 anos. Com 96 anos.

Beatriz Alves: Viveu o bichinho.

Mariah Tereza: Minha mãe tinha 21 anos quando ele morreu, aí em seguida ela casou.

[Corte de cena]

Mariah Tereza: Ah, aqui está a minha mãe. Olha, quando o pai dela morreu. Os dois irmãos dela, minha mãe e os dois irmãos dela.

Beatriz Alves: Nossa, a foto tá boa!

Laura Alves: Nossa vó

Mariah Tereza: Tá, né?

Beatriz Alves: Nossa, porque será que ela ficou tão conservada?

Mariah Tereza: Foto antiga se conserva, é a tecnologia moderna que não dura.

Beatriz Alves: Caramba...

Mariah Tereza: É.

Laura Alves: Nossa, vó...

Mariah Tereza: Quando o pai dela morreu, ela foi na igreja aparecida.

Beatriz Alves: Quem são esses?

Mariah Tereza: Minha mãe e os dois irmãos dela.

Beatriz Alves: Nossa, que altos!

Mariah Tereza: É, um é negro, o outro é clarinho.

Beatriz Alves: Que altos!

Laura Alves: Nossa, vó...

Harllei Alves: O Filomeno era altão, né?

Mariah Tereza: Os irmãos da mamãe.

Beatriz Alves: Olha que altos.

Harllei Alves: É...

Beatriz Alves: Tô falando pra vó, olha que foto conservada.

Mariah Tereza: É.

Harllei Alves: Uhum...

Laura Alves: Ela teve a senhora com quantos anos?

[corte de cena]

Mariah Tereza: Hã?

Laura Alves: Ela teve a senhora com quantos anos?

Mariah Tereza: Eu acho que 27 anos. Minha mãe tinha 27 anos.

Munique Alves: Como chamava sua mãe?

Emiliana Gouveia Guimarães, solteira, né? Aí casou com o meu pai, tirou o Guimarães do meu avô. Então, Filomeno Gouveia Guimarães, tirou o Guimarães e pôs Souza. Ficou Emiliana Gouveia de Souza. Então eu sou Maria Teresa de Souza.

Laura Alves: A senhora pode contar um pouco como eles se conheceram?

Mariah Tereza: Como eles se conheceram?

Laura Alves: É.

Mariah Tereza: Ah... Minha mãe estava de luto com a morte do meu avô e foi morar com as cunhadas dela, com os irmãos mais velhos dela. E lá ela era um pouco judiada, os enxovais, naquele tempo as mocinhas cresciam fazendo enxovais. A mãe dela, o pai comprava um baú grande de madeira e tudo que era bonito, lençóis, toalhas, coisas de bordado, os crochês, ia sendo guardado naquele baú. Pra quando ela casasse, tinha tudo aquilo, né? Minha mãe tinha coisas lindas, porque o pai dela paparicava muito ela, fazia todas as vontades dela. Ela tinha o cavalo dela, tinha a vaca dela, que ela [inaudível].

Até hoje nós temos um... Ainda tem um sino do pescoço da vaca da minha mãe, a vaca mimosa dela. E ela tinha o cavalo dela também, que ela ia pra cidade com as amigas dela, né? E minha mãe foi muito mimada.

Aí quando o pai dela morreu, ela ficou, né, no chão mesmo. E aí as cunhadas dela, invejosas, tomaram tudo as coisas de enxoval dela.

Laura Alves: Nossa vó...

Mariah Tereza: E ela ficava triste, né? Porque as coisas que ela guardava, quando ela olhava se tinham mexido, tinham pegado, né? E meu pai era músico. Meu pai e o filho da minha avó, Maria Tereza, né? era músico. Ele tinha a sanfona dele. Italiana! A

sanfona dele, que a minha avó dizia, e tinha o cavalo dele, marchador, que esse cavalo que marcha, né? E ele passava na frente da... casa da minha mãe, dos irmãos da minha mãe, que minha mãe tava morando. E quando passava lá, ele punha o cavalo pra marchar, passava marchando, e ele com a sanfona nas costas, bonito que ele era, né? Minha mãe se apaixonou por ele.

Laura Alves: Ai...

Mariah Tereza: E aí dizia ela que em três meses namoraram, noivaram e casaram.

Beatriz Alves: Oia!

[risos]

Laura Alves: Ele não foi bobo.

Mariah Tereza: Não foi bobo.

Beatriz Alves: Como que era o nome da... do vô?

Mariah Tereza: José de Souza, meu pai. O apelido dele é Seu Juquinha.

Laura Alves: Ah! vô Juquinha.

Beatriz Alves: O vô Junhinha

Mariah Tereza: É, como meu avô...

Laura Alves: Ele é o vô Juquinha.

Mariah Tereza: Meu avô João era João Bernardino, né? Meu avô João era João Bernardino de Souza Dias. Não, João... É João Bernardino de Souza Dias. Aí quando ele casou com a minha avó, ele tirou o Dias, porque ele não gostava de ser Dias. Aí ficamos Souza, né? Descendentes do de Souza.

Harllei Alves: E tudo isso aconteceu na Serra da Bocaina? Esse...

Mariah Tereza: É, naquela região.

Harllei Alves: Esse período em que os dois se conheceram foi na Serra?

Mariah Tereza: É, naquela região. Meu pai é de São José do Barreiro e a minha mãe é de Silveira. Tudo região, né? E... e aí eles se casaram, né?

Beatriz Alves: Tiveram quantos filhos, vô?

Mariah Tereza: Meu irmão mais velho que eu, 4 anos, João, falecido hoje, né? Eu, que sou Maria Tereza, sou segunda filha. O Zelão, terceiro. Depois do Zelão morreram três... depois do Zelão morreram três. Aí depois nasceu Gouveia, a Geórgia e o China. Aí ao todo eu esqueci quantos são. Éramos... Com os que morreram, né? Conta os que morreram?

Beatriz Alves: Nove. Ao todo são nove.

Mariah Tereza: Os vivos, né? É... Éramos seis irmãos.

[corte de cena]

E quanto a ser negra, descendente de negros, assim, eu não tive muito problema. Porque quando criança, não tinha essa coisa de bullying que se falam hoje. Quando a gente brigava na escola, todo mundo xingava “macaco branco”, “seu macaco preto”, seu não sei o quê. Era assim as brigas da gente na escola. [risos] Todo mundo era macaco mesmo.

Harllel Alves: Mas a senhora chegou a... a perceber cenas de preconceito, preconceito racial mesmo, assim? Tem a parte do humor que levava na esportiva, mas havia preconceito é.. criminoso ou pra machucar e ofender?

Mariah Tereza: Não. Era muita mistura, né? Tinha crianças brancas, crianças negras, crianças japonesas na escola, né? Então, não tinha assim. Não lembro de...

MunIQUE Alves: A senhora nunca sentiu preconceito?

Mariah Tereza: Ah, me xingavam bastante, né? Porque eu era pretinha, tinha aquele cabelão assim, né? Cabelo da Laura. Amarrar pra cima assim, ficava aquela pituca, igual o do Chico César mesmo. [risos] E aí falava de mim, né? E eu era ma- que nem a Laura, assim, com a bundinha grande, então me chamava “pelezinha da bundinha recheada”, era, era [risos] macaquinha... Era assim mesmo. Não tinha problema, todo mundo se xingava mesmo.

Laura Alves: A senhora sempre foi muito vaidosa, né? Sempre se cuidou bastante. E aí eu queria saber da onde veio isso, quem te ensinou.

Mariah Tereza: Ah, da minha avó. Minha avó Maria. A outra avó da família da minha mãe, eu não conheci. Nem mesmo o vô Filomeno, quando eu nasci, ele já tinha morrido. E... eu não conheci eles.

Munique Alves: Qual que é a descendência dessa avó?

Mariah Tereza: Espanhola.

Munique Alves: Espanhola? Como ela chamava, mãe?

Mariah Tereza: A avó da minha mãe chamava Zilda... Eu não sei. Eu não sei sobrenome, não sei. E a mãe da minha mãe era Maria Emília da Conceição.

Munique Alves: Maria Emília da Conceição?

Mariah Tereza: É Maria Emília da Conceição. E era descendente espanhola. Da Espanha, né? Ele era combo-belga e ela era espanhola. Filha espanhola, descendente.

Harllei Alves: Uma coisa que essa herança feminina que a senhora mostra que a senhora tem é a parte da ervaria e da vaidade na beleza, né?

Mariah Tereza: É

Harllei Alves: Acho que veio-

Mariah Tereza: Isso do-

Harllei Alves: Isso consta em todas né?

Mariah Tereza: Isso do vô Filomeno, mas a vó Maria também, essa minha vó que eu convivi com ela, também fazia essas coisas, gostava de ervarias também.

Harllei Alves: E-E-Ela era benzedeira também?

Mariah Tereza: Também.

Harllei Alves: Ela, a vó Emiliana?

Mariah Tereza: Também.

Harllei Alves: A vó Maria, a vó Emiliana?...

Mariah Tereza: E o vô Filomeno também. Filomeno já era farmacêutico, né? E ele gostava dessas coisas de ervarias mesmo.

Munique Alves: O Vô Filomeno é o pai da Vó Emília.

Mariah Tereza: É.

Munique Alves: Pai da Vó Emília.

Mariah Tereza: É.

Munique Alves: E a vó Maria é a mãe do Vô Juquinha.

Mariah Tereza: É. O Vô Filomeno e a Vó Maria Emília da Conceição eu não conheci, só minha mãe que conta a história deles.

Ele... por ele ganhar a guerra do Paraguai, ele ganhou a fazenda, depois ele ganhou uma espada de prata do Dom Pedro II, que era, tinha acho que quase a mesma idade dele, o Dom Pedro II, ele conhecia mesmo o Dom Pedro II, e ele ganhou a espada de prata do Dom Pedro II. Quando ele morreu, foram dois soldados na fazenda buscar a espada e falaram que era pra por num museu. E a gente com... Minha mãe, né? Era muito jovem, ela não sabe se foi mesmo para o museu ou se roubaram. Não sabemos...

Com o tempo, meu... meu avô mudou de fazenda, meu pai também mudou de lugar e começamos um outro tipo de vida para eu entrar na escola também, eu e meus irmãos, escola na cidade. E... ah... Aí mudou um pouco a vida da gente.

Meu pai começou a trabalhar em companhia de estrada, onde a gente mudava muito de lugares, né? de cidades. Quando... Essa era Companhia Brasileira de Pavimentação e Obras. Acho que é essa Régis Bittencourt, acho que é ela. Acho que é mesmo.

E aí meu pai ia ser mandado pra... Pra Altamira.

Beatriz Alves: Altamira?

Mariah Tereza: Altamira. Tava em desbravamento. Abriu estradas, né? E meu pai tinha um... um tratorzinho pequeno, aqueles de três lados... Um pequenininho, um trator pequeno. Falava jandira, aquele trator chamava jandira. E meu pai ia pra jandira e minha mãe ficou muito brava e não deixou. Não deixou, não quis que meu pai fosse.

E os amigos do meu pai que foram pra Altamira contavam a história que tinham muitos índios que... chegaram a matar pessoas e amarrar com cipó o trator e matar o tratorista com flechas, né? Aí minha mãe se sentiu vitoriosa, né? Porque o meu pai não foi pra lá, né? Diz que alguns dos amigos do meu pai morreram, pelos índios lá.

Laura Alves: Nossa vó, não sabia.

Mariah Tereza: Todas essas histórias aí eu tenho. Aí depois meu pai entrou em outras companhias, onde ele era feitor, né? Tinha um... chefiava um grupo de homens, na estrada. E assim a gente foi mudando de cidade em cidade, mudava de escola em escola, até que um dia, ah... pra não ficar repetindo de ano, meu pai deixou eu ir pra casa do engenheiro da firma, da filha do engenheiro da firma, que era a dona Maria Helena, que ela estava... tinha duas meninas, e eu fui ficar na casa deles pra ajudar a cuidar das meninas, que ela também era professora, né? E ela saía, tinha uma... tinha uma... tinha uma... a casa tinha uma cozinheira.

Laura Alves: Como eles eram? E como era a relação da senhora com eles Também?

Mariah Tereza: Era muito boa. A gente morava dentro de uma escola. E... Morávamos dentro de uma escola, onde ele era diretor e ela... ela trabalhava em Santo Amaro. Era professora de pré, acho que em Santo Amaro. E eu ficava com as duas meninas, cuidando das duas meninas, a cozinheira fazia comida, aí à noite eu ia para a escola, eu estudava, né? Fiquei durante o dia cuidando das meninas e à noite eu ia para a escola.

Eu era menor de idade, com o tempo eu tirei documentos, aí comecei a trabalhar em fábrica, trabalhei na SEMP, trabalhei na Argóvia, ah... Fui cozinheira, [riso] fui arrumadeira, trabalhei em escritório, em escolas. Tinha uma escola chamada Bola de Neve em Pinheiros que eu fiquei um bom tempo lá. Também, ah... fiquei quatro anos com família chinesa ensinando português.

Laura Alves: E aí foi ao longo de quantos anos? Você foi de vários empregos, começou a trabalhar com quantos anos vó?

Mariah Tereza: Olha, eu comecei a trabalhar com 11 anos. Com 11 anos eu já trabalhava. E nessa época eu já tinha, acho que 15 pra 16. Mais ou menos. Mais ou menos.

Laura Alves: Vó, a senhora podia contar também as histórias da sua juventude? Como a senhora se divertia? ah...

Beatriz Alves: Como é que era ser vaidosa numa cidade pequena?

Mariah Tereza: A vaidade é mais da minha avó Maria, né? Que a minha avó Maria era modelista. Ela fazia os vestidos de noiva. Desde criança que eu uso maquiagem, né? pegava papel crepom, pintava o rosto, fazia batom, né? com urucum, né? urucum que é aquela frutinha que os índios usam. Pintava a boca com urucum, né? na fazenda era

assim. E eu cresci me maquiando, andando de salto com os sapatos da minha mãe. E até hoje eu sou isso, eu gosto muito dessas coisas.

Laura Alves: E aí, como é que você se divertia, assim? Que a senhora fala que a senhora ia de cidade em cidade e trabalhava bastante, mas e fora do trabalho?

Mariah Tereza: Quando... quando eu estava em São Paulo, os anos que eu vivia em São Paulo, fim de semana a gente saía caçando bailinho com a minha turma, né? Eu tinha uma turminha que a gente não se desgrudava, né? Tava sempre junto, caçando bailinho.

Tinha o baile do Palmeira, tinha o baile do Professorado, tinha... de um clube chamado Bola Branca em Santo Amaro, onde ia... artistas iam. Onde eu conheci um artista negro, que ele ia lá todos os fins de semana pra olhar pra mim, pra dançar comigo. [risos] Pra me dar beijinho, sabe? É... Morreu ele já. E... ah... gente saía pra se divertir.

Harlei Alves: Como ele chamava, mãe?

Mariah Tereza: A eu não gosto de falar o nome.

Harlei Alves: Mas ele era um cantor, a se ele já faleceu.

Beatriz Alves: É vó, fala!

Munique Alves: Não tem problema não, mãe

Harlei Alves: Ele era o cantor que gravava discos, como que ele chamava? Não, é porque a gente pode botar uma música de fundo dele.

Mariah Tereza: Não, não quero mexer com isso.

Laura Alves: Não, se não quer não tem problema. Tem problema não

[risos]

Beatriz Alves: Não pode expor os contatinhos, né vó?

Harlei Alves: Fazer o exposed.

[risadas]

Beatriz Alves: E os outros namorados, vó, que a senhora teve?

Mariah Tereza: Os outros namorados, eu tinha... Olha eu era muito namorada, né? Sempre tinha um. Sempre tinha dois.

Beatriz Alves: [gargalhada]

Harlei Alves: Mas havia uma diferença no namoro naquele momento, né?

Mariah Tereza: Era diferente, era diferente. Eu vinha pra cá quando meus pais vieram morar aqui, né? Fim de semana, a cada 15 dias eu vinha pra cá, de trem. Acho que 27 túneis de trem de São Paulo à Baixada. Tinha 27 túneis. E aquelas casinhas de beira de linha, as pessoas ficavam esperando a gente, né? Passar. E eu tinha os namorados da descida da serra e tinha os namorados dos bailes, né? De São Paulo também. Eu tinha um namorado aqui também.

Harlei Alves: Mas o namoro naquela época era companhia e abraços, né?

Mariah Tereza: Era beijo, abraço. Ninguém avançava o sinal porque ninguém queria casar forçado. Se o pai da moça soubesse que o cara tinha alguma coisa com a filha dele, ah, tinha que casar. Ninguém queria casar na marra, né? Então, eu respeitava, assim, os meninos respeitavam.

Uma vez eu descí a serra, vim pra cá, e caiu uma barreira na estrada. E eu vinha com um menino que a gente tava sempre junto nos bailes, né? Ele tinha casa, acho que em Peruíbe. E tinha uma família dele que na descida da serra, a família dele tinha viajado e a casa tava fechada. Nós fomos pra casa dele. Eu dormi lá. Não dormi... Nossa! Em um namoro mesmo, sem nada, sabe? beijinho, coisa assim, mas nada de... de avançar sinal não, não podia.

Laura Alves: Ai, bom, uma dessas...

Mariah Tereza: Sexo era proibido.

Laura Alves: [Risada] Uma dessas histórias da senhora que eu acho muito legal é quando a senhora conta, aquela que a senhora tinha um namorado que tinha ciúmes porque a senhora usava calça. Como é que foi isso?

Beatriz Alves: Conta essa história.

Mariah Tereza: Ah, esse era um músico, né? Tinha um namorado que era músico, ele tinha um conjunto. Às vezes eu falo que o conjunto era meu porque eu tava sempre

juntos, né? Eu ia nos ensaios, né? De vez em quando ele sumia e eu ficava que nem uma boba, eu ia no cabeleireiro, me arrumava, ficava esperando ele fim de semana e ele sumia, né? Tava em outra cidade fazendo show. O apelido dele era Canarinha. Ele tinha uma banda, né? E quando eu pus meu primeiro terninho, calça e essas roupas que eu uso hoje, até hoje que eu gosto, ele ficou de mal comigo e deu um pé mesmo, não quis mais, por um bom tempo, mas depois ele voltou e teve que aceitar, [risada] teve que aceitar.

Laura Alves: E como é que vocês faziam no trabalho, que a senhora falou, pra usar calça assim?

Mariah Tereza: Ah, isso quando eu trabalhava na SEMP nos fins de semana, sexta-feira as meninas combinavam, amanhã nós voltamos de calça comprida, e aí saía a turminha toda de calça comprida. Se uma só pusesse calça, os homens assobiavam, até passavam a mão mesmo, se passasse no meio deles assim. Eles eram danados. E... era muito difícil, mulher não podia ir na igreja de calça comprida. Na igreja não podia ir de calça comprida de jeito nenhum. Só podia usar vestido.

E a primeira calça comprida mesmo que eu coloquei era uma, uma calça helanca, tinha uma abertinha, era igual essa assim, mas tinha uma aberturinha aqui assim, era muito chique aquilo lá.

Na Avenida Santo Amaro eu tinha uma amiga que morava numa vila do outro lado da avenida Santo Amaro, da avenida Adolfo Pinheiros. E aí eu atravesssei, pra ir na casa dela, a calça xadrezinha, calça... não, era uma calça helanca, cobertinha, primeira calça que eu comprei, depois que eu fiz o terninho.

Os carros pararam o trânsito, os caras buzinando, mas uma fila! Na Avenida Adolfo Pinheiros. Um dia que eu for a São Paulo, a gente vai lá, eu mostro o trecho pra você. [riso]

O trânsito parado, os caras de trás saíam de dentro do carro pra olhar o que tava acontecendo lá. E a menininha na beira da estrada pra passar e os caras desciam do carro pra me dar beijinho, pra me dar tchauzinho, gritar.

Laura Alves: Nossa.

Mariah Tereza: A minha amiga lá do outro lado, desesperada, né? “oh menina” quando eu atravesssei lá do outro lado, “oh menina, desse jeito não dá, os caras vão te estraçalhar”. Ué só por causa da calça, calça comprida. [riso]

Harllei Alves: Mas a, quando a senhora conta isso, era a forma deles chegarem, era uma coisa mais de brincadeira, infantil, de molecagem? Ou a senhora acha que é como hoje, que é esse assédio mais criminoso? Eles fizeram isso mais na brincadeira, na molecagem?

Mariah Tereza: Não era brincadeira. Era, era... Eu não sei, mexia com a cabeça dos homens uma mulher de calça comprida.

Beatriz Alves: Era assédio, né?

Mariah Tereza: É isso.

Laura Alves: Na época era mais velado, né? Não se falava dessa maneira, né?

Mariah Tereza: E é uma roupa tão bem vestida, né? Com as pernas cobertas e tudo, né? E aqui na praia, ce vê, a gente anda de fio-dental, ninguém liga. Hoje em dia, né? Ninguém liga. Imagina andar com uma roupa dessa sua aí hoje.

Laura Alves: Vózinha, agora a senhora pode falar como a senhora veio pra cá, pra Mongaguá? Que atualmente a senhora mora aqui, né? Na cidade de Mongaguá.

Mariah Tereza: Eu cheguei aqui em Mongaguá, meu pai já tava...

Harllei Alves: Hoje há quantos anos a senhora tá em Mongaguá e como é que a senhora chegou aqui?

Laura Alves: Meus pais vieram primeiro pra cá. E eu vinha de treino, a cada 15 dias, 20 dias eu vinha pra cá. E depois... Depois eu vim mesmo morar aqui. Eu fui mandada embora da, da fábrica que eu trabalhava e minha mãe não me deixou voltar mais. Aí eu fiquei aqui. Foi quando eu conheci seu pai. Namorei 4 anos e casei. Eu cheguei em Mongaguá com 22 anos. Hoje eu tenho 78. Hoje eu tenho 78.

Harllei Alves: E aí a sua vida mudou num dia que a senhora tava passeando? Como é que a senhora conheceu ele?

Mariah Tereza: Conheci no campo de futebol. No dia de jogo eu ia com meus irmãos no campo, né? Ficava ali no campo, e ele passou com um amigo muito bonito, que até hoje era aquele que eu queria, mas ele era casado, [risadas] ele era casado e aí eu fiquei com o feinho mesmo.

[risadas]

Laura Alves: Aí né...

Mariah Tereza: Fiquei com o feinho mesmo... O bonitão mora em São Vicente, ainda.

Laura Alves: E aí a senhora teve quantos filhos? Como é que foi ser mãe e tudo mais, esse processo?

Mariah Tereza: Foi muito bom, eu pretendia mesmo, a minha vida, eu sempre sonhava em ter 10 filhos. Tudo o que eu queria era ser mãe de 10 filhos. Uma coelha, né? [risada] Eu queria ser mãe de 10 filhos.

E eu casei em 72, 73 nasceu sua mãe, 75 nasceu Sérgio, em 80 nasceu Harllel, 84 nasceu a Evelina.

Harllel Alves: Uma coisa que eu acho a-

Mariah Tereza: A benção que Deus me deu. Eu queria ser mãe de dez, né? Quatro. Quatro que valiam por dez, né? Porque se eu tivesse dez, não sei como seria a minha vida, né?

Beatriz Alves: [riso]

Harllel Alves: Uma coisa que eu acho interessante...

Mariah Tereza: Não é fácil criar filho.

Harllel Alves: ...é que a senhora escolheu ser mãe, escolheu a profissão de ser mãe e a senhora foi lutando pra ser mãe, crescer e se firmar nessa profissão de ser mãe e dona de casa.

Mariah Tereza: É, como eu sou modelista...

Harllel Alves: Foi um projeto de vida seu, né?

Mariah Tereza: É, como eu sou modelista, eu associava as coisas. Quando eu morava lá no centro, tinha dois filhos pequenos e costurava pra cidade e pros turistas também. Eu passava dia e noite, às vezes, costurando, fazendo roupas de festa. Aí, quando eu mudei pra cá, que você nasceu, aí eu parei.

Munique Alves: Eu tenho lembrança de tecidos coloridos, de tecidos brilhantes.

Mariah Tereza: Tem aí até hoje, tecido daquele tempo.

Munique Alves: Eu tenho lembrança de tecidos daquela época.

Mariah Tereza: Aquele pano ali, ó, o Harllel pôs ali, isso aí eu comprei pra fazer um terninho. É lá dos anos 70, esse pano aí.

Harllel Alves: Mas ter família foi um projeto de vida seu, né? A senhora queria isso?

Mariah Tereza: Foi, sempre foi, sempre foi. Eu queria, queria sim.

Beatriz Alves: E como é que foi a criação dos filhos da senhora, vó?

Hã?

Beatriz Alves: Como é que foi a criação dos filhos da senhora? A criação...

Harllel Alves: A criação dos filhos.

Mariah Tereza: Dos filhos?

Beatriz Alves: Isso.

Mariah Tereza: Olha, não foi muito difícil, porque não trabalhando fora, eu tava de olho neles o tempo todo. E meus irmãos também me ajudaram muito. Porque quando um sumia, eu mandava os irmãos atrás e trazia. O China, o Zelão, todo mundo ajudou a criar eles. Precisava ir no dentista, o China levava, a Geórgia levava no dentista. Quando tinha reunião de escola, depois que a Munique cresceu, a Munique ia nas reuniões dos pequenos, né? Porque a diferencialidade é boa, né? A diferença de idade é boa. Quando a Evelina tinha 11, ela tinha 22. Aí ela ajudava bastante. Era assim.

Laura Alves: E conta pra mim, como é que foi, como é que a senhora veio parar aqui nessa casa? A senhora começou em Mongaguá, a senhora casou, aí tinha a casa lá de centro...

Mariah Tereza: Quando eu casei, a minha casa ficou, acho que por oito meses alugada, na pedreira. Montando, compramos móveis, tudo e deixamos lá. Aí, casei e fui morar na pedreira, onde nasceu o Sérgio e a Munique. Depois dali, fui morar lá no centro, na Avenida Marina, onde eu montei meu ateliê, né? que era muito solicitado, tinha muito cliente, eu passava dia e noite trabalhando. Com o dinheiro de lá, consegui comprar, ajudar a comprar aqui, esse terreno aqui. E aí meu pai, meus irmãos, junto com meu marido, né, construíram essa casa aqui. E depois compramos o terreno do lado também. E foi assim, né?

Foi muito bom. Fiquei morando dois anos na casa da minha mãe com o Sérgio e a Munique. Quando eu mudei pra essa casa aí eu engravidei dele. Ele já nasceu aqui. O Sérgio- o Harllei já nasceu aqui.

Harllei Alves: A senhora ficou quantos anos casada?

Mariah Tereza: 28 anos. 28 anos de casamento. Até que seu pai resolveu ir embora.

Harllei Alves: E foi um casamento fácil? Como é que foi?

Mariah Tereza: Olha... eu sou muito sem vergonha pra amar, sabe? Eu amava de paixão mesmo. Olha, nossa... Ele não tava numa boa e eu tava feliz, sabe? Eu fazia tudo, né? Fazia as unhas dele, cortava o cabelo dele, fazia as roupas dele, né? Só que ele não soube dar valor a isso, né? Pra ele...

Quando ele foi embora e arrependeu, era tarde demais. Se eu quisesse, ele teria voltado. Mas, já que eu não servi antes, eu não quis servir depois, né? Hã... A gente tem que ter vergonha na cara, né? Chega um ponto que tem que ter. Se alguém tá só dando cotovelada, só pisando, né? E a gente só... agradando.

Ele chegava, tava tudo arrumadinho, os filhos tomado banho, o jantar tava pronto. Eu criei eles com muita disciplina. Eles comiam na hora certa, dormiam na hora certa, não assistia qualquer coisa, né? Tinha horário pra brincar.

Quando o pai tava em casa, eles brincavam aqui na rua, até uma hora da manhã eles brincavam de noite também, né? Mas isso é época de férias, né Munique?

Munique Alves: Era tranquilo brincar na rua.

Mariah Tereza: Brincavam até uma hora da manhã nessa rua. Brincavam de esconde-esconde até debaixo da minha cama.

[risadas]

E eu não brigava com eles. O Luciano deu uma pedrada no vidro da janela uma vez, aí ele ficou com um medo danado. Falei “ah aconteceu, foi sem querer, né?” não brigava com ninguém não.

Harllei Alves: E a senhora teve um casamento fácil ou difícil? A senhora descreveria, como é que foi?

Mariah Tereza: Foi difícil, porque era desigual, né? Eu sou mansa e ele era muito ruim, né? Gênio ruim, tinha gênio muito ruim

Harlei Alves: A gente passou um tempo focando na questão do... A senhora era namoradeira, né? Mas depois que o pai foi embora, a senhora não teve mais ninguém. A senhora não achou alguém de qualidade que a senhora quisesse investir?

Mariah Tereza: Não, meu corpo é um templo.

Beatriz Alves: [risada]

Mariah Tereza: É, meu corpo é um templo. E depois o mundo mudou, né? Muitas doenças que vieram, né? E eu com essa saúde que eu tenho, eu não posso... aventurar. Não posso.

Harlei Alves: Candidato teve.

Mariah Tereza: Ah, candidato teve, né,

Beatriz Alves: O se teve.

Mariah Tereza: Eu vivi o que tinha que viver, como quis, do meu jeito, né? E agora tô em paz.

Laura Alves: E o que a senhora gosta de fazer hoje em dia assim?

Mariah Tereza: Ah, eu gosto de fazer meu crochê, meu tricô, jogar conversa fora [riso] e ouvir muita música. Gosto de moto, gosto de gente, gosto de cantar, gosto de dançar.

Munique Alves: Qual o estilo de música, mãe?

Mariah Tereza: Ah, eu sou uma roqueira. [risadas] Eu sou uma roqueira.

Beatriz Alves: Que músicas que a senhora gosta de escutar, vó?

Mariah Tereza: Hã?

Beatriz Alves: Que músicas que a senhora gosta de escutar?

Mariah Tereza: Eu gosto?

Beatriz Alves: É.

Mariah Tereza: Eu gosto do Bruce Springsteen. É. Gosto. Gosto muito de rock Gosto do...Mick Jagger.

Laura Alves: oh!

Harllei Alves: Led Zeppelin, né? a senhora [inaudível]

Mariah Tereza: Hã?

Harllei Alves: Led Zeppelin.

Mariah Tereza: Led Zeppelin! Nossa eu amo.

[risadas]

Munique Alves: AC/DC?

Mariah Tereza: Hã?

Munique Alves: AC/DC?

Mariah Tereza: Tudo, tudo que é rock pra mim tá bom.

Harllei Alves: Esse mês, esse mês ela tá com um caso sério com o Bruce.

[risadas]

Mariah Tereza: Eu amo o Bruce, eu amo o Bruce. Amo a mulher do Bruce, eu amo eles.

Munique Alves: A rainha do YouTube.

[risadas]

Harllei Alves: É, a senhora aprendeu a mexer no YouTube e agora deslanchou, né? Em descobrir coisas novas, né?

Mariah Tereza: É, eu gosto muito do YouTube, né? O que eu quero, eu procuro, eu acho.

Munique Alves: Me faz chamar a atenção, nessa época que a gente tem Instagram e tem não sei o quê, e que eu acompanhei na minha adolescência, a senhora se comunicava com o mundo. Explica pra elas como que a senhora se comunicava com o mundo.

Mariah Tereza: Ah, através de cartas. Através de cartas, eu fiz um... Tinha uma revista chamada Carícia e eu mandei uma cartinha pra Carícia procurando pessoas pra trocar

amostra de crochê, amizade e receitas de comida. Eu gosto muito de cozinhar, né? Gosto de cozinhar. E gente do mundo chegou até mim.

O carteiro trazia malote, despejava aqui. Até hoje não consegui ler as cartas que eu recebi tudo, né? Não tem jeito, né? O malote chegava e virava ali oh nessa coisa de... de tanta carta, e aí eu selecionava e entrava em contato com eles, me mandavam presente. Algumas pessoas vieram me conhecer e era assim que a gente se comunicava.

Cheguei a muitos lugares, a Guiné-Bissau, cheguei no Japão, cheguei em muitos lugares através daquela revista Carice. Portugal, né, que é mais perto. Então até hoje eu tenho amigos desses correspondentes antigos, ainda tenho.

Harlei Alves: Trocava carta, cartão postal, receita.

Mariah Tereza: É. Amostra de crochê, receita, cartão postal. Pessoas que não imaginavam onde ficava Mongaguá, né? Descobriram Mongaguá através de mim.

Então, quando o Sérgio ia jogar em São Paulo, a minha preocupação era deixar meu filho naquela... Aquele monstro que fascina... Como se diz? São Paulo é um monstro que...

Munique Alves: Que fascina, mas também dá medo.

Mariah Tereza: Que fascina e amedronta, né? Então, o Sérgio aqui de Mongaguá, menininho, criado aqui na mão da mamãe, na rédea, pra ir jogar futebol lá em São Paulo, eu ficar com o coração na mão. Aí eu pegava e fazia um bilhetinho que ia no meio das coisas dele. Caso ele precisasse, tinha endereço das minhas amigas em São Paulo, telefone e tudo. Era assim que eu vigiava o Sérgio. Não tinha telefone, não tinha celular aquele tempo, né?

Você sabe que telefone, esse telefone que eu tenho até hoje, doméstico, demorou seis anos para chegar a mim. Eu me inscrevi na tele- ah, na telefônica, demorou seis anos pro telefone chegar a minhas mãos. Porque o Brasil inteiro, né, queria um telefone, então era desse jeito.

Harlei Alves: Hoje a vida é muito mais fácil, né? É food, tudo na mão, Uber, WhatsApp, Mas como que era é... viver em São Paulo naquela época? Rituais de beleza. Como é que a senhora, pra sair, como é que era antes?

Mariah Tereza: A gente ia na manicúria, na cabeleireira. O cabelo tinha que ter laquê até. Um negócio que se chamava laquê, né? Hoje nem.. acho que nem sei se vocês sabem que que é laque, né?

Beatriz Alves: Uhum.

Laura Alves: Sei.

Mariah Tereza: É um spray, né? E as cabeleireiras em São Paulo tinham aquele secador assim, enorme, em cima do cabelo, cheio de bode. E usava-se cerveja no cabelo. Cabeleireiro usava cerveja. Meio copo de cerveja com um pouco de água. E aquilo lá molhava o cabelo e enrolava o bobe. Quando tirava o bobe, aquele cacho ficava tudo duro, né? Aí fazia o penteado que queria e punha laquê em cima. Secava no secador e punha laquê. Cabelo ficava ondulado, modelado, cacheado, tudo durinho mesmo.

E aí era um sacrifício pra andar de moto, né? Quem, quem gostava de andar de moto, porque era difícil, punha um plástico por cima do cabelo e era muito difícil pra não desmanchar aquele cabelo. [riso]

E eu também, outra coisa que eu esqueci de falar pra vocês, que eu gostava muito de moto. Gosto até hoje. [risos] Gosto até hoje.

Beatriz Alves: É, né? A senhora tem um filho com o nome Harley.

Mariah Tereza: Pois é. Quando eu tinha 15, 16, 17 anos só namorava motoqueiro. Gosto muito de moto e meu sonho era ter uma moto daquela. Olha o tamanho que eu tenho, uma mulher com um metro e meio. Meu sonho era ter uma moto Harley-Davidson.

Imagina eu sumida dentro de uma moto daquelas com os braços abertos, assim ó.

[risos]

Laura Alves: Ai, ia ser um luxo.

Harllel Alves: Conta uma história daquela época que a senhora lembra, assim, um dia, um dia na night. Como que foi? Era uma balada naquela época. Um dia que a senhora

foi no bairro X e aconteceu isso, isso, aquilo. A senhora consegue lembrar de alguma coisa?

Mariah Tereza: Ah, tinha um clube em São Paulo que chamava Clube de Sapato Branco, que a gente ia nos fins de semana, Ah.. sexta-feira, assim, já começava as festas lá. Ele punha um conjunto, um... um palanque, assim, feito pra eles lá. E tinha um lago enorme, cheio de cisne, cheio de planta, né?

Harllei Alves: Cisne de verdade?

Mariah Tereza: Hã?

Harllei Alves: Cisne de verdade ou decoração?

Mariah Tereza: De verdade. O homem de sapato branco era o homem da televisão.

Harllei Alves: Em que bairro era esse?

Mariah Tereza: Parelheiros. Parelheiros. Ele tinha um clube lá no Paredes.

Harllei Alves: E esse, e esse era a balada da vez, né?

Mariah Tereza: Era, era. E lá tinha a festa do vinho, né? Onde a gente ia. E a gente...
[risada] e eu enchi tanto a cara uma vez

[risadas]

Voltei pra casa carregada.

Munique Alves: Quem nunca, mãe?

Beatriz Alves: Quem nunca, vó?

Munique Alves: Quem nunca?

Mariah Tereza: A rapaziada doida pra me levar pro matinha, né?

[risadas]

Aí as amigas, os amigos, me arrastando.

[risadas]

Harllei Alves: Sempre tem um amigo que fica pra ajudar, né?

Munique Alves: Graças a Deus

Beatriz Alves: Sempre

Mariah Tereza: Graças a Deus

Harllei Alves: Quem não- quem era uma amiga naquela época?

Mariah Tereza: A Laíde, a Olga... Tinha a Laíde, tinha a Olga. Depois, as amizades que eu tinha era da fábrica, né? a Edna. A Edna tá em... Rio Claro, São Carlos, acho que... cê falou com ela pra mim, né?

Munique Alves: Eu falei com a filha dela, lembra mãe? A filha dela.

Mariah Tereza: Cê liga pra mim qualquer dia de novo?

Harllei Alves: Continua com a história do cisne e dos sapatos.

Mariah Tereza: Ah, então. Foi lá que eu tomei o maior pifão da minha vida.

[risos]

Harllei Alves: Ah, esse aí foi um dia. E era o quê? Como era esse baile ?

Mariah Tereza: Tinha um conjunto que...

Harllei Alves: Assim, não devia ser um bailinho, né? Porque pelo o que a senhora tava falando era o que era mais legal do dia, né?

Mariah Tereza:É, tinha um conjunto. A gente dançava naquela passarela toda, assim, né? Aquele, aquele cisne bonito nas água lá, né? Era legal.

Harllei Alves: Bom, pra você, pra ter uma ideia que o cara botava um cisne de verdade.

Beatriz Alves: [risada] É Bridgerton aí oh.

Harllei Alves: Que hoje ele nem teria autorização para fazer um negócio desse. O negócio era bom, né?

Beatriz Alves: Era bom.

Laura Alves: [risada]

Harllei Alves: E tinha vinho.

Beatriz Alves: [risada]

Mariah Tereza: O homem do sapato branco era muito famoso. Muito famoso. Acho que até tem disco dele em casa ainda.

Beatriz Alves: Ai, mostra pra gente depois, vó.

Mariah Tereza: Acho que tá aí na garagem. Não sei o que foi feito daquelas pilhas de disco, tudo que tinha.

Harllei Alves: Tem muito disco no quarto.

Mariah Tereza: É?

Harllei Alves: Aqui nesse quarto de cá.

Mariah Tereza: Até o Silvio Santos tinha disco naquele tempo.

Beatriz Alves: Essa eu sabia.

Harllei Alves: O que eu achei interessante também, assim, ca- a diversão naquela época era outra, que nem a senhora fala, que vocês é... pegavam carro emprestado.

Mariah Tereza: Ah, isso aí era o clube... Eu era menor de idade pra ir no cinema, né? A gente precisava... Precisava... As amigas faziam um xerox... Não era xerox que falava, era fotocópia, falava. Fazia fotocópia da certidão das irmãs, pra dizer que era da gente, que era menor, né? Pra todo mundo sair junto. E aí a gente ia em tudo quanto é lugar, que não podia, que era proibido.

Munique Alves: Ah, mãe, dessas saidinhas a senhora tem que falar da história do leite? Conta aí.

Beatriz Alves: Do leite?

Mariah Tereza: Ah, não dá pra contar tudo.

Harllei Alves: Ah, eu acho que sim.

Munique Alves: Acho que sim, mãe.

Harllei Alves: O crime já prescreveu.

Beatriz Alves: Já prescreveu, vó

[risadas]

Mariah Tereza: E o tempo da ditadura, que a turminha jogava bolinha de gude [som das bolinhas] assim, pros cavalo do soldado escorregarem aí, e cair [riso]. Aí o soldado saiu dando paulada em todo mundo. E a gente saía e se escondia.

[risos]

Seu pai era tão burrinho assim que ele não me conheceu. [risadas] Ele não me conheceu.

Harllei Alves: Essa Maria Tereza ele não conheceu.

Mariah Tereza: Não, não conheceu.

Harllei Alves: Bom, ele conheceu a Maria Tereza, ele não conheceu a Kiki.

Beatriz Alves: Quem é Kiki, vó?

Mariah Tereza: Porque ele nunca quis, nunca quis conhecer meus amigos, nunca quis visitar.

Harllei Alves: É, ele era fechado?

Mariah Tereza: É. Se ele tivesse sido amigo dos meus amigos, ele colhia alguma coisa, talvez, né? Mas ele nunca quis conhecer.

Harllei Alves: Mãe pra não parecer que ele era o vilão, o que que não é, uma memória boa que a senhora teve dele? Uma lembrança que a senhora teve dele, que foi generosa?

Mariah Tereza: Que era um rapaz de família, um rapaz de família. Ele era muito sério. Enquanto os amigos dele tinham casa em Miami, ele não tinha, não tinha dinheiro porque não roubava. Ele era muito honesto.

Ele tinha muita qualidade, como eu também, né? A gente tem mil qualidades e mil defeitos. Vai fazer o que, né?

Harllei Alves: Mas assim, da vida de vocês em conjunto, a senhora tem uma lembrança de um bom dia, que ela pode contar?

Mariah Tereza: Ah, os primeiros dez anos de casamento foram bons, muito bons. Depois que a cabecinha dele virou, né? Aí eu já não era... Começou a reclamar depois que eu tive filhos, que o meu corpo mudou, que eu não era mais a mesma. Um pouco antes dele ir embora, ele falava pra mim, me chamou de velha. Hoje eu não sou velha.

Harllei Alves: Imagina naquela época.

Mariah Tereza: Vinte anos atrás eu era velha.

Munique Alves: A senhora com a minha idade tava muito melhor que eu.

Harlei Alves: As fotos mostram isso.

Munique Alves: Tava muito melhor que eu.

Harlei Alves: A senhora ainda tava com corpão e tudo. Com 40, 50 anos isso aí tá ótimo.

Beatriz Alves: Verdade vó

Mariah Tereza: É.

Vocês já viram uma velha de 78 anos com um corpinho desse?

[risadas]

Mariah Tereza: Eu tive vivência, né? Que, uma menina de 11 anos que vive quase que sozinha dentro de São Paulo, né? Assim. Então eu tenho uma bagagem que ele de uma cidade pequenininha não tinha, né? Não tinha.

Eu não posso culpá-lo por isso porque não tinha como, né? Não tinha como. A cultura é diferente, né? Eu venho de uma cultura dos avós, né? Tudo dos meus avós, que eram cultos, né? E ele era muito simples daqui, né? Cidade pequena.

[corte de cena]

Laura Alves: É o vô, né?

Mariah Tereza: É.

Beatriz Alves: A senhora tá linda nessas fotos, vó.

Laura Alves: Tá linda mesmo.

Beatriz Alves: Ah vó, a senhora era linda.

Mariah Tereza: Pareço com a Evelyn, né?

Laura Alves: Parece mesmo.

Mariah Tereza: É.

Beatriz Alves: A senhora e a tia Vivi são muito parecidas.

Mariah Tereza: É.

Laura Alves: Sempre com a franjinha, né?

Mariah Tereza: A franjinha é precisa. [risada] É necessário. Foi já?

Laura Alves: Foi.

Beatriz Alves: Foi.

Neto Pedro Sérgio: Caraca vó.

Mariah Tereza: Tem mais aqui? Aqui, essa não, não, essa não, né?

Laura Alves: Ah, pode mostrar as que a senhora quiser.

Beatriz Alves: A senhora tá linda nessa, olha!

Neto Pedro Sérgio: Deixa eu ver?

Mariah Tereza: Olha aqui.

Laura Alves: Ah, essa tá pegando.

Beatriz Alves: Cuidado com o reflexo, faz assim ó.

Laura Alves: É...

Mariah Tereza: Reflexo?

Beatriz Alves: É, ó.

Laura Alves: Ah, foi. Tá bom, né?

Beatriz Alves: Uhum

Laura Alves: Foi, vó.

Mariah Tereza: Ó seu pai Pedro [risada de criança] ali de bonezinho branco. Sérgio.

Neto Pedro Sérgio: [risada] Nossa, desde pequeno ele usava boné.

Laura Alves: Tio Sérgio e a mamãe, né?

Mariah Tereza: É.

Neto Pedro Sérgio: Ó, Desde pequeno ele usava boné.

Mariah Tereza: Essas que eu tenho, acho que é só aqui.

Neto Pedro Sérgio: Quem é esse cara aqui?

Mariah Tereza: Ah, essa aqui, ó.

Beatriz Alves: Do casamento, né vó?

Neto Pedro Sérgio: Nossa, vó!

Laura Alves: Ah, legal!

Beatriz Alves: Peraí, cuidado com o reflexo.

Harlei Alves: [espirro]

Mariah Tereza: A penteadeira tá cheia de coisa.

Neta Violetta: Saúde!

Laura Alves: Nossa! Oxe, esse bicho esquisito aqui.

Mariah Tereza: É um... de pelúcia, um gatinho.

Laura Alves: Ah, que feio!

Neto Pedro Sérgio: [risada] isso aqui é uma boneca?

Mariah Tereza: É

Harlei Alves: ... você! [palmas] nessa data...

[corte de cena]

Laura Alves: Uma mulher que te inspi- inspirou na vida da senhora?

Mariah Tereza: Olha, a minha inspiração é minha avó, Maria Tereza. [riso] Minha avó. Minha mãe é uma pessoa também que eu admiro muito. Por que ela foi criada sem mãe, né? Aos 11 anos ela perdeu a mãe dela. E ela era uma artista, minha mãe. Ela fez coisa que você fica imaginando “como é que ela aprendeu tudo aquilo?”, né? Ela cozinhava muito bem. Ela bordava muito bem. Ela fez macramê. Esse macramê que hoje é coisa de, de... Os macramê que você vê no YouTube aí, minha mãe fez tudo aquilo.

Munique Alves: Patchwork, né mãe? Que a gente... só dei valor depois, né?

Mariah Tereza: É, o Patchwork. Ah.. uma coisa que foi modismo, aquela coisa que chama... fuxico, né? que é um negócio de rodelinhas de pano. Minha- desde criança eu convivi com tudo isso que minha mãe fazia. E aprendi também, Eu sei fazer tudo isso. [risada] Eu sei fazer tudo isso.

Laura Alves: A vó e a sua mãe influenciam muito, né, em como a senhora se cuida e se vê. E aí eu queria saber o que a senhora passou pra suas filhas.

Mariah Tereza: Ah, elas cresceram, cresceram vaidosas. A Munique é a menos vaidosa, não usa quase maquiagem, a Munique não gosta muito de maquiagem não.

O problema é que minhas filhas, meus filhos já nasceram bonitos, meus netos já nasceram bonitos e eu nunca me achei assim, eu preciso da maquiagem, não me acho, não tenho o rosto bonito.

Eu cresci com um corpo maravilhoso, todo mundo... né? igual a você, mas o meu rosto não combina com o meu corpo. Eu sinto isso. Ainda. Ainda sinto.

Beatriz Alves: A senhora é linda, vó!

Laura Alves: Sim, vó, a senhora é.

Mariah Tereza: Já, minhas filhas não precisam de tanta coisa como eu, porque já nascem bonitas.

Laura Alves: E a senhora?

Mariah Tereza: Tava vendendo aquela foto de vocês três ontem, assim “Meu Deus, eu fiz isso!”

Laura Alves: E aí, então vó, como é que, depois da criação dos filhos, do casamento, até agora, como é que foi a vida da senhora?

Mariah Tereza: Agora eu vivo pros filhos, pros netos, do mesmo jeito. [risada] É, é isso, né?

Beatriz Alves: E como é a relação da senhora com os netos, vó?

Mariah Tereza: Ah, eu sou feliz pra caramba. [risada] Nossa. É, estou muito feliz com vocês.

Harlei Alves: Uma coisa que eu acho interessante da história da senhora é que a senhora fez da família um projeto de vida e não voltou atrás, né?

Mariah Tereza: Não.

Harlei Alves: Muita gente começou um casamento e terminou, muita gente ah.. por motivos diversos, foi ser mãe e deixou os filhos em casa e foi trabalhar. A senhora teve um casamento que te possibilitou ficar em casa e a senhora quis isso até o fim. A senhora poderia falar?

Mariah Tereza: É, eu... onde eu estou eu tô pro que der e vier, né? Eu sou assim. Eu sou assim.

Beatriz Alves: Acho que a senhora...

Mariah Tereza: Mas... mas é indiferente porque a... as colegas de trabalho do seu pai, do meu ex-marido, elas, quando a gente saiu, elas vinham dava um beijinho neles e não me enxergavam, porque eu era dona de casa, eu não era mulher de escritório, não era da prefeitura, não era da firma tal. Dona de casa era discriminada como se fosse um ninguém. E a gente tem bagagem, a gente tem história, a gente sabe das coisas, né? Quem fica em casa tem rádio, né? Rádio, televisão, né? Comunica por telefone, por carta, por tudo.

Eu tinha muito mais bagagem que elas que passava o dia inteiro em cima daquela..

Harlei Alves: Não, e trabalha muito, né?

Mariah Tereza: Trabalha muito.

Munique Alves: Trabalha muito.

Mariah Tereza: Trabalha muito.

Harlei Alves: Hoje, depois, os anos passam, né? Hoje se a senhora, a senhora deve conhecer alguma dessas pessoas hoje. A senhora acha que quem viveu uma vida melhor foi a senhora ou elas...

Mariah Tereza: Eu.

Harlei Alves: ... que tinham preconceito da senhora?

Mariah Tereza: Eu. Tô jovem, tô legal, tô sadia e elas tão tudo quebrada.

[risadas]

Munique Alves: Pior que é verdade

Mariah Tereza: É, é verdade. Mulheres 15 anos mais novas que eu tão capengas. E eu tô inteira.

Beatriz Alves: O tio falou desse projeto que a vó teve de vida, né? Ser mãe, mas eu acho que a vó soube aproveitar muito bem cada fase da vida dela. Ela foi uma criança criança, uma jovem jovem e uma mãe mãe, né?

Mariah Tereza: É, é isso.

Harllei Alves: É verdade...

Mariah Tereza: Isso, isso.

Munique Alves: Verdade, é verdade.

Beatriz Alves: Ao máximo.

Harllei Alves: E uma vó vó.

Beatriz Alves: E uma vó vó.

Mariah Tereza: E uma vó vó.

[risos]

Mariah Tereza: Eu amo a mil, tenho um coração muito grande.

Munique Alves: Eu acho que ouvindo a senhora, é plenitude que eu acho que é a palavra.

Beatriz Alves: É plenitude.

Munique Alves: Plenitude, a senhora é plena. E... e algo que muita gente hoje em dia busca é autoconfiança. A senhora sempre foi muito confiante, mesmo nas dificuldades.

Mariah Tereza: Não tem essa coisa de depressão comigo. Não tem. Não rola. Não dá.

Harllei Alves: Mas é um passo que a gente não tocou até aqui. A senhora não tem depressão, mas a senhora é uma pessoa de fé. A senhora sabe onde procurar ajuda.

Mariah Tereza: Ah eu sei...

Harlei Alves: A senhora sabe como se conectar para não se desesperar na tempestade. É isso desde criança, que a avó era muito religiosa.

Mariah Tereza: Eu criei os filhos com a Salve Rainha, Ave Maria e Salve Rainha.
[risada]

Beatriz Alves: Acho que a senhora podia contar um pouco da relação que as mulheres da nossa família têm com a Nossa Senhora. Tanto a sua avó, a senhora, a mamãe, eu.

Munique Alves: A relação com a Nossa Senhora, Nossa Senhora Aparecida.

Mariah Tereza: Ah, é a mãe das mães, é a avó dos meus netos, é... é isso, né? Não tem como, não tem como... assim, já fui tentada muitas vezes a mudar de religião. Mas por que eu vou procurar Deus em outra religião se eu já nasci na mão de Deus? Eu tô aqui, com Deus, né? E outras religiões que falam mal da mãe de Jesus. Você gosta que alguém fale mal da sua mãe? Não adianta você lamber Jesusinho e falar que a mãe dele é uma coisa que não presta, não é? Tá cheio de pastor, de crente aí de outras religiões que ama Jesus e xinga a mãe de Jesus. Jesus apoia isso, por acaso? Quando eles chegarem aos pés de Jesus, eles vão ter cara de dizer que a sua mãe é isso e aquilo na cara dele? Não vai.

É isso que eu acho, eu sinto, que eu acho da religião.

Harlei Alves: Ma- a... a fé em Nossa Senhora vem de família, não é? Porque a a vó Maria era religiosa e acho que ela era, ela era benzedeira também, não era? A vó Maria?

Mariah Tereza: Ah a vó Maria quando... quando cobra picava o cavalo na fazenda, as pessoas iam buscar ela, pra ela ir lá rezar na pata do cavalo. Ela pegava a pata do cavalo enrolava com um.. com um... paninho e rezava uma oração ali. E aí eles agiram, eles diziam, que o veneno da cobra tinha saído do cavalo, ficava bom.

Munique Alves: Eu cresci ouvindo essas histórias de fé da senhora. Uma das histórias de fé que eu não esqueço, que me impre- impressionou quando criança, é a história do vô Filomeno, do poder da oração, e que ele era chamado pelos próprios, pelos médicos para curar outras pessoas, quando desenganado... E o poder da mente dele, que a senhora conta que ele... Conta essa história, daquela história do garfo, que naquela época era de prata.

Mariah Tereza: Ah, é, então. Quando surgiu aquele... aquele homem chamado Uri Gellers, né? Que fez... entortar o garfo na televisão, as coisas mexendo, o relógio muda o ponteiro. Era uma coisa que pra mim não foi novidade, porque a minha mãe contava que meu avô fazia isso. Meu avô era um fenômeno, além de chamar Filomeno, era um fenômeno.

O homem era farmacêutico, falava sete línguas, como minha mãe dizia, né? Ele era herói de guerra, vencedor. Era um fazendeiro, né? Nossa, é meu ídolo até hoje.

Harllei Alves: Ele parece ser muito importante para senhora.

Mariah Tereza: É...

Harllei Alves: Toda vez que a senhora conta histórias, é sempre mais focada na avó Maria e no vô Filomeno.

Beatriz Alves: É.

Mariah Tereza: É. Porque a... a outra avó espanhola, ela morreu muito cedo, né? Deixou minha mãe com 11 anos. Até minha mãe não conhece tanto ela, né? Que minha mãe ficou com 11 anos quando ela morreu. E aí, ela ficou com o pai dela até os 21.

Beatriz Alves: O vô Filomeno que é o Congo Belga, né?

Mariah Tereza: É

Harllei Alves: A senhora é, a senhora ah, ah... hoje a sen- a senhora é a avó Maria da família, né? Mas a senhora vem de uma família de Marias, com fé em Nossa Senhora e Maria, mas a sua Ave Maria é diferente, né? A senhora reza diferente. Não é a Ave Maria que ensinam na igreja.

Mariah Tereza: É a minha Ave Maria.

Harllei Alves: E como é que é?

Mariah Tereza: Até mesmo meu pai nosso é diferente. [riso]

Harllei Alves: E como que é o Ave Maria?

Mariah Tereza: Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita suas vozes entre as mulheres, bendita é o fruto do nosso ventre nasceu Jesus. Santa Maria, mãe de

Jesus, rogai por nós, seus filhos e filhas, agora e sempre, por todos os dias de nossas vidas. Amém.

Beatriz Alves: Amém.

Laura Alves: Amém vó.

Munique Alves: Amém.

Mariah Tereza: É isso, a minha avó Maria.

Munique Alves: E o Pai Nosso, mãe? Também é diferente.

Mariah Tereza: Pai Nosso também. Pai Nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso nome. Venha a nós o Vosso reino. Seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje e sempre. Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. Abençoe meus projetos, minhas finanças, minha felicidade e a minha família. Filhos, genros, noras e netos, afilhados, compadres, comadres, [riso] e todas as pessoas que eu amo. Amém.

Beatriz Alves: Amém!

Munique Alves: Amém! Que lindo!

Laura Alves: Acho que pra finalizar a entrevista também é... queria saber, depois de tudo, tudo que a senhora passou, tudo que a senhora construiu, o que a senhora tem a dizer a mais assim sobre a vida da senhora e... pra fechar mesmo.

Beatriz Alves: Refletindo sobre a sua vida, vizinha.

Mariah Tereza: É, olha, agradecer vocês por terem [riso] aqui fazendo esse trabalho, né? Que fica registrado, porque no fundo, no fundo eu ainda penso em escrever um livro, porque eu tenho muita coisa, né? Eu tenho muita coisa pra contar. [riso] Isso é só um pouquinho, né? Só um pouquinho.

Laura Alves: Acho que é isso.

Beatriz Alves: É isso, vó. Brigada vó!

Laura Alves: Brigada, vizinha.

Mariah Tereza: Eu, eu agradeço.

Laura Alves: É, foi perfeito.

Beatriz Alves: Foi perfeita, vó. Muito obrigada.

Mariah Tereza: É e desculpa alguma coisa, por que...

Beatriz Alves: Desculpo nada vó, a senhora não fez nada de errado.

Laura Alves: Oxi... Tá ótimo.

Beatriz Alves: Uma estrela. Nasceu pra brilhar.

Laura Alves: Definitivamente.

Beatriz Alves: Brigada, vózinha.

Laura Alves: Brigada, vózinha.

Mariah Tereza: Eu falo pouco, mas às vezes falo demais.

Laura Alves: Ah é ótimo...

Beatriz Alves: Eu gosto quando a senhora fala muito, vó.

Laura Alves: É! Também.

Beatriz Alves: Vou parar aqui... parei.